

A CULPA

RAUL PILLA

EMPOSSANDO-SE na presidência da União Democrática Nacional, proferiu o sr. Artur Santos um notável discurso. Definindo o que deve ser a ação política do seu partido, declarou êle: «A atualidade brasileira é desanimadora». E, depois de a descrever em largas pinceladas, passou a apurar as responsabilidades da situação. «No regime presidencial — disse êle — cabe ao govêrno, como expressão do Poder Executivo, a ação administrativa e a mais decisiva influência sôbre o andamento dos negócios públicos. Pela soma dos poderes que lhe foram cometidos, a amplitude e importância de suas atribuições, o chefe eletivo da Nação é a maior autoridade nacional e o gestor dos seus próprios interesses. Se a máquina administrativa está emperrada, funciona mal ou sem rendimento, se os problemas que dizem respeito ao bem-estar das populações não são resolvidos, sequer equacionados, culpa cabe ao órgão de direção e comando. De resto, o que se increpa ao regime presidencial é ser govêrno forte de um só, gerando o poder pessoal, arbitrário e incontrastável do presidente da República».

Isto disse o eminente sr. Artur Santos e não creio que isto se possa contestar. Mais importante, porém, do que êle disse, foi o que não quis dizer e ficou implícito nas suas palavras. A culpa é do govêrno, que não faz o que devera. Mas a culpa é também do sistema político, que, concedendo a um só homem tamanhos poderes, não permite substituí-lo, quando, por qualquer motivo, não está êle desempenhando convenientemente a sua árdua missão. E, nesta culpa do regime, quase todos nós temos parte.